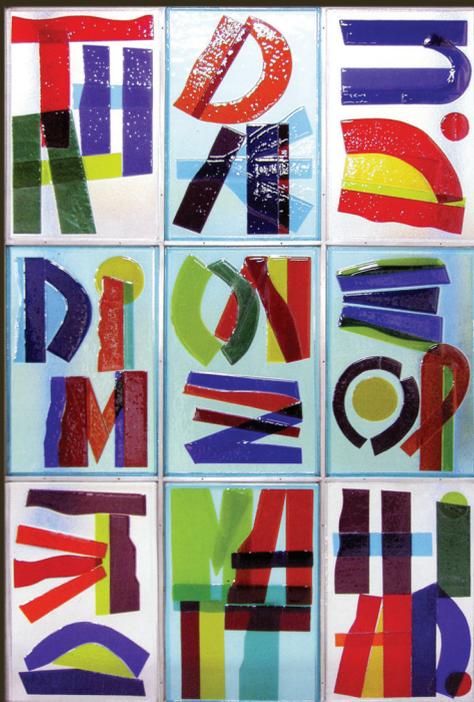


ESTUDOS DE LINGUÍSTICA

VOLUME I

ANA R. LUÍS
COORD.



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

VARIAÇÃO DA PRODUTIVIDADE DE SUFIXOS
AGENTIVOS EM IDADE ESCOLAR

To what extent are children miniature scientists:
testing hypotheses and checking up on what they
know about particular words or constructions?
Eve Clark, *First Language Acquisition* (2003)

1. Enquadramento teórico-descritivo

O presente estudo centra-se no uso produtivo de sufixos agentivos por indivíduos nativos do Português Europeu (L1) em idade escolar, questionando-se a ocorrência de variação da produtividade de tais sufixos em função da faixa etária e do nível de escolarização de quem os utiliza⁵².

Este estudo surge num contexto marcado pela escassa investigação nas áreas da Linguística e da Psicolinguística direcionada para processos derivacionais, em particular para a formação de agentivos (sobretudo deverbais) no Português Europeu atual (L1), envolvendo indivíduos em idade escolar.

⁵² Texto elaborado no âmbito da dissertação de Mestrado em Linguística e Ensino, especialidade de Linguística Aplicada, intitulada *Produção de Nomes Agentivos Deverbais em Português Língua Materna (L1) por Alunos do Ensino Básico*, concluída em 2009 à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins e Professora Doutora Graça Maria Rio-Torto.

1.1. Definição de produto agentivo

72 Importa, em primeiro lugar, refletirmos sobre a definição de produto agentivo. Trata-se de uma construção, tradicionalmente conhecida como *nomen agentis*, que designa um ser ou uma entidade pela prática ou exercício de uma ação. Normalmente o produto agentivo surge associado à noção de agente humano – “aquele que faz X”, sendo que X pode traduzir uma função, profissão ou atividade.

No entanto, há linguistas (Booij 2005, Rio-Torto 1998, Basílio 1995) que fazem referência a determinados casos (“leitor”, “operador” e/ou “servidor”) em que o agente pode ser humano ou não humano. Como tal, propõe-se que a interpretação do produto agentivo seja parafraseável pela expressão “aquele ou aquilo que V”, sendo que V designa a ação concreta realizada pelo agente.

1.2. Regra de Formação de Nomes Agentivos Deverbais

Segundo Rio-Torto (2007), qualquer Regra de Formação de Palavras (RFP) depende necessariamente de condicionalismos de vária ordem impostos pela L1.

A Regra de Formação de Nomes Agentivos Deverbais (RFP AG Dev) obedece, em parte, a restrições de categoria sintática quer da base, quer do produto. Assim, partimos necessariamente da combinação de um verbo (base) com um sufixo específico para formar um nome agentivo (produto), o qual pode adquirir um funcionamento adjetivo: $V \rightarrow N$ (N/A). Cf. Exemplo:

(1) [concorre-] *+nte* \rightarrow *concorrente* (N/Adj).

A RFP AG Dev aplicada ao Português Europeu prevê também condicionalismos ao nível morfológico, ou seja, que implicam a seleção de um radical ou tema verbal consoante o sufixo a utilizar. Por exemplo, os operadores *-dor* e *-nte* selecionam apenas temas verbais, enquanto *-or* e *-ista* se agregam a radicais verbais.

Em termos da estrutura argumental dos verbos que servem de base aos produtos agentivos, é condição determinante o recurso a verbos com argumento externo, denotando agentes controladores da ação, que normalmente correspondem a verbos transitivos e alguns inergativos.

No processo de formação de agentivos, podem ocorrer, também, restrições semânticas impostas pela base e sobre a base. Rodrigues (2006) refere-se à necessidade de coadunação dos traços semânticos da base e do sufixo, constituintes internos dos produtos agentivos. Por exemplo, *-dor* e *-deiro* selecionam temas de verbos transitivos ou inergativos, portadores de valores aspetuais relativos a atividades e *accomplishments*. Não se associam a temas de verbos intransitivos, que podem traduzir valor existencial, meteorológico, de movimento ou de mudança de estado.

Finalmente, restrições de ordem semântico-referencial determinam que um produto agentivo apenas será aceite no léxico da L1 se contrastar, em termos de referente e de significado, com os demais produtos construídos a partir do mesmo paradigma genolexical.

1.3. Aquisição e produção de nomes agentivos na infância: conhecimento atual

No decorrer das últimas três décadas alguns especialistas têm publicado estudos a propósito da aquisição infantil no domínio derivacional. No entanto, o conhecimento sobre o desenvolvimento linguístico desde idades precoces, sobretudo no que concerne aos produtos agentivos, ainda necessita de ser instigado e aprofundado, o que requer um maior número de estudos experimentais envolvendo vários sistemas linguísticos, de modo a fundamentar os dados atualmente obtidos neste domínio.

Segundo os estudos experimentais de Clark & Cohen (1984) e Lo Duca (1990), será sensivelmente a partir dos três anos de idade (dependendo da tipologia da língua de *input*) que as crianças geralmente começam a analisar e formar os primeiros derivados, nomeadamente nomes agentivos. Verificou-se que os primeiros sufixos utilizados são os mais produtivos e mais frequentes no discurso dos adultos usuários da L1. Desde muito cedo as

crianças estabelecem novos usos dos sufixos mais produtivos, por exemplo, *-er* no inglês e *-aio* no italiano (equivalentes ao *-dor* em português), muito antes de manipularem outros sufixos agentivos disponíveis na L1.

Por conseguinte, ao reconhecerem a presença de regularidades associadas a certos sufixos na sua língua, elas tendem a produzir "neologismos infantis" (designação de Lo Duca 1990), ou seja, nomes agentivos que podem ou não corresponder aos convencionalizados no discurso adulto. Cf. Exemplos:

- (2) **?bicycler* (utilizado em vez de *bicyclist*) para designar 'ciclista';
- (3) **?cooker* (em vez de *cook*) para se referir a 'cozinheiro'.

Verifica-se, portanto, que a aquisição de produtos agentivos em línguas como o inglês e/ou o italiano permite, numa primeira fase, desenvolver a criatividade linguística da criança, tendo em conta os princípios universais de transparência semântica, simplicidade formal e produtividade.

No entanto, a percepção da criança sobre a produtividade associada ao processo de formação de agentivos tende a modificar-se com o avançar da idade e quanto maior for a quantidade de palavras e estratégias convencionalmente disponíveis na L1 para expressar o significado pretendido.

Com efeito, Clark & Cohen (1982) e Lo Duca (1990) constataram que uma criança, entre os quatro e cinco anos de idade, realiza usos inovadores com outros sufixos agentivos, igualmente produtivos, tais como, *-ist*, *-ian* (no inglês) e/ou *-tore*, *-ista* e *-iere* (no italiano). Estes dados sugerem uma provável ordem de aquisição e de uso de sufixos semanticamente próximos, disponíveis na L1, sendo possível identificar um padrão de variação de produtividade ao longo do tempo.

Como consequência do aumento de conhecimento sobre as opções sufixais disponíveis na L1, a criança tende a substituir, de forma espontânea e gradual, os seus neologismos pelas formas convencionais correspondentes (Clark 2004). Assim, os princípios de convencionalidade e contraste passam a condicionar intensamente o processo de construção de agentivos, atenuando a capacidade criativa da criança que, numa fase inicial, fora bastante estimulada.

1.4. Hipóteses explicativas do processo ontogénico de construção de derivados agentivos em L1

1.4.1. Produtos agentivos atestados vs não atestados, possíveis vs impossíveis

Tal como observa Clark (2003), o discurso das crianças, especialmente o das mais novas, tende a envolver uma mistura entre produtos legítimos e ilegítimos, estes últimos decorrentes do estabelecimento de novas associações bases-sufixos. Ou seja, vão sendo produzidos produtos atestados e não atestados na L1, podendo estes últimos ser considerados possíveis ou impossíveis.

Os produtos atestados integram o léxico convencional da língua, logo são conhecidos pela comunidade linguística e encontram-se listados em livros de referência como os dicionários.

Os produtos agentivos não atestados e possíveis, embora não sejam utilizados pela comunidade linguística, obedecem aos padrões regulares morfológicos que nela vigoram.

Em contrapartida, os produtos agentivos não atestados e impossíveis (também designados pseudoformas) contrariam os paradigmas genolexicais, daí que não sejam gramaticalmente aceitáveis e, por isso mesmo, não podem integrar o léxico virtual de um sistema linguístico.

1.4.2 Atuação da memória declarativa vs. memória procedimental

Colocamos, então, a seguinte questão: - Como se explica a criação de nomes agentivos legítimos e ilegítimos, convencionais e não convencionais pelas crianças?

Para compreendermos o processo de aquisição e produção de agentivos na infância, evocamos o modelo teórico de Ullman (2003, 2001) que pressupõe que o desempenho linguístico depende de duas capacidades do indivíduo: uma primeira relacionada com o léxico mental e a outra com a gramática mental. Segundo Ullman, a memória declarativa é responsável pela

aprendizagem, representação e processamento do léxico mental, enquanto a memória procedimental possibilita a aquisição e o uso implícito de regras mentais (de ordem morfológica, sintática e possivelmente fonológica).

76 Tendo em conta o pressuposto de que o processamento de derivados envolverá uma ativação paralela dos dois subsistemas de memória, Ullman (2001) postula que sempre que um produto for identificado pela memória lexical, a computação por parte do sistema de regras será inibida. Quando a identificação do produto não for passível de ser feita pela memória lexical, será então processada uma construção entendida como regular. No nosso entender, esta ativação paralela da memória declarativa e da memória procedimental deverá ocorrer em crianças de idade precoce, cujo léxico mental ainda se encontra reduzido e que iniciam a construção de derivados agentivos, recorrendo a sufixos muito produtivos e recorrentes no discurso dos adultos (convencional).

Segundo o mesmo autor, o facto de, por vezes, não se conseguir aceder a um produto memorizado pode ter como consequência «erros de sobrerregularização», criando-se produtos agentivos possíveis tais como **?cooker* (**?cozinbador*) e **?trumpeter* (**?trompetador*).

Clark (2003) explicita que as crianças desconhecem, de início, o que é percecionado como léxico convencional ou novo ao nível das associações forma-significado e base-afixo. Só mais tarde, com o avanço da idade, e a par do aumento do seu leque de experiências linguísticas e conhecimentos sobre o léxico convencional, é que conseguem realizar um processo de "pré-esvaziamento" (*preemption*), que consiste na substituição dos neologismos pelos produtos convencionais. Passam então a adotar as formas utilizadas pela comunidade linguística (*cook – cozinheiro; trumpelist – trompetista*).

Espera-se que a criança acuse uma progressiva diminuição ou quebra de criatividade, atribuível à ação da «gramática mental», na formação derivacional, já que, e segundo sugere Ullman, a capacidade da memória declarativa vai provavelmente, com a idade, prevalecendo sobre a memória procedimental. Nestas circunstâncias será de prever uma progressiva preferência pelos derivados convencionais em detrimento dos não convencionais.

1.4.3. Outros fatores: frequência de formas convencionais e conhecimento metalinguístico

Na verdade, verifica-se um aumento gradual e cumulativo do léxico mental da criança ao longo de diferentes faixas etárias (desde os primeiros anos de vida até aos primeiros anos escolares) – logo, em momentos distintos do desenvolvimento ontogénico da memória declarativa e da memória procedimental (conceitos explicitados em 1.4.2.) que estarão envolvidos no processo derivacional.

77

É, sobretudo, a partir do momento que a criança inicia o estudo formal da L1 e durante todo o seu percurso escolar que a criança passa a estar mais desperta para a frequência de produtos e de sufixos utilizados no discurso adulto, e exposta a uma crescente quantidade de dados analisáveis no *input*.

Em virtude da maior exposição da criança ao conhecimento do convencional, cremos que, por um lado, o desenvolvimento da capacidade da sua memória declarativa permite que, de modo mais sistemático e eficaz, sejam bloqueados produtos não atestados em prol dos convencionais. Por outro lado, e em simultâneo, a criança tende a automatizar as regularidades mais produtivas da L1.

Entendemos ainda que o comportamento derivacional e o conhecimento metalinguístico, que o ensino formal ajuda a promover (Leiria 2006), tendem a influenciar-se mutuamente. Assim, após os seis anos, a criança aprende a desenvolver um saber analítico explícito sobre propriedades semânticas e sintáticas dos constituintes internos de nomes agentivos (bases e sufixos) e a aplicar esse saber com progressiva eficiência ao nível da construção e da interpretação de produtos regulares (compatíveis com as RFP AG dominantes na L1), sejam estes considerados atestados e/ou não atestados.

2. Proposta de estudo empírico: variação de produtividade de sufixos agentivos em idade escolar?

O nosso estudo empírico pretendeu testar a hipótese de variação de produtividade de sufixos agentivos aplicados ao Português Europeu (L1),

com base em produções agentivas criadas por indivíduos nativos de diferentes faixas etárias e níveis escolares.

Com este estudo, pretendemos avançar conhecimentos na área da aquisição ontogénica da morfologia lexical agentiva e abrir caminho para estudos semelhantes sobre derivação na L1.

78

2.1. População a ser estudada

O nosso estudo empírico envolveu uma diversidade de participantes situados em contextos escolares autênticos. Foram selecionados, aleatoriamente, os seguintes grupos e níveis escolares:

- a) uma turma do 2º ano, composta por um total de 21 alunos (13 elementos do sexo masculino e 8 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 6-7 anos;
- b) uma turma do 3º ano, formada por um total de 22 elementos (11 do sexo masculino e 11 do sexo feminino), situados na faixa etária dos 8-9 anos;
- c) uma turma do 4º ano, constituída por um total de 20 alunos (13 do sexo masculino e 7 do sexo feminino), com idades entre 9-10 anos;
- d) uma turma de 6º ano, que incluiu um total de 20 elementos (10 rapazes e 10 raparigas), na faixa etária dos 11-13 anos;
- e) uma turma de 9º ano que integrou um total de 18 elementos (6 rapazes e 12 raparigas), na faixa etária dos 14-16 anos.

Na totalidade, a amostra de estudo englobou 101 elementos, pertencentes a cinco níveis de escolaridade distintos (três turmas de 1º ciclo, uma turma de 2º ciclo e uma turma de 3º ciclo do ensino básico), sendo todos falantes nativos de Português Europeu e frequentando escolas oficiais. Esta amostra de população também teve em conta uma diferenciação de momentos de maturação cognitiva.

2.2. Métodos de recolha de dados

Numa primeira fase, foi aplicado um exercício escrito que envolveu todos os discentes participantes no estudo, no qual se solicitava o registo de todas as formas possíveis a partir da combinação de verbos e formas sufixais apresentados. Numa fase posterior, foram realizados questionários orais/escritos aos mesmos sujeitos sobre as formas agentivas registadas e respetivos constituintes internos, metodologia que forneceu dados complementares aos inicialmente obtidos.

79

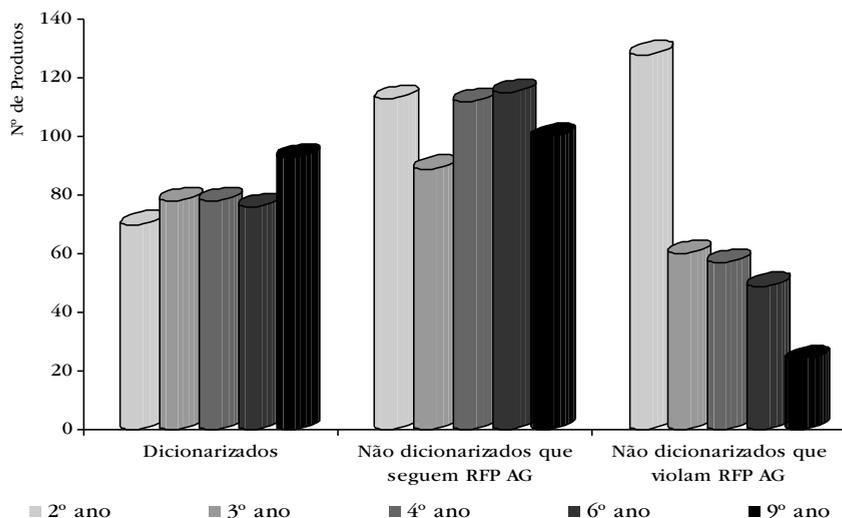
2.3. Variáveis em análise

O presente estudo teve em consideração a análise das seguintes variáveis:

- a) produtividade e frequência de uso das formas sufixais agentivas no Português Europeu atual;
- b) disponibilidade e não disponibilidade de nomes agentivos deverbais regulares (dicionarizados e não dicionarizados) no léxico mental do aluno participante;
- c) influência de conhecimentos linguísticos e metalinguísticos em diferentes anos escolares.

2.4. Resultados

Atendendo ao fator «nível escolar» (e subjacente a este, a idade dos sujeitos), podemos constatar resultados divergentes no que respeita os registos de agentivos dicionarizados e não dicionarizados.



Quadro 1: Totais dos registos de Nomes Agentivos Deverbais dicionarizados e não dicionarizados por ano escolar

Mediante a leitura do gráfico apresentado (quadro 1), podemos verificar que, em relação aos nomes agentivos deverbais dicionarizados, se regista um crescente aumento ao nível da sua produção desde o 2º ano até ao 9º ano, o que indicia uma estabilização progressiva do léxico agentivo convencional, sobretudo no último ano escolar em análise.

Por sua vez, detetámos um elevado número de registos de nomes deverbais não dicionarizados que seguem RFP AG, suplantando as restantes categorias de produtos agentivos em análise.

Por outro lado, observámos um claro decréscimo do número de registos de agentivos não dicionarizados que violam RFP AG na L1, a partir do 3º ano e, sobretudo, no 9º ano.

Assim, ao longo do seu percurso escolar, os alunos tendem a aplicar corretamente a RFP AG em novas palavras, descartando, de modo progressivo, derivados incompatíveis com a referida RFP AG.

Tal como seria de prever, são os alunos dos primeiros anos de escolaridade, que se situam na faixa dos 6-7 anos, os que produzem um número mais

elevado de nomes agentivos não dicionarizados transgressores da RFP AG, manifestando uma maior instabilidade do seu léxico mental.

Observemos, em seguida, o seguinte quadro:

Exemplos de Nomes Agentivos Dicionarizados	Ano Escolar / N° Registos				
	2º ano (6-7)	3º ano (8-9)	4º ano (9-10)	6º ano (11-14)	9º ano (14-16)
<i>consumidor</i>	5	8	14	15	16
<i>consumista</i>	1	3	9	9	13
<i>desenbador</i>	9	10	16	20	16
<i>desenbista</i>	2	0	3	5	6
<i>tecedor</i>	6	5	3	12	11
<i>tecedeira</i>	2	1	6	5	5
<i>tecelão</i>	0	1	5	2	3

81

Quadro 2: Convencionalidade Sufixal/ Frequência de Ocorrência Variável

Observa-se um aumento do conhecimento do léxico dicionarizado disponível ao longo do percurso escolar dos sujeitos, como revela o crescente número de registos de agentivos dicionarizados.

Por outro lado, é também interessante constatar que, dentro do léxico convencional, podem ocorrer diferenças na frequência de uso de sufixos agentivos. Na verdade, uma base idêntica pode ser combinada com sufixos agentivos distintos, obtendo-se produtos convencionais com registos de ocorrência variável não apenas entre diferentes anos escolares (e faixas etárias), mas também num mesmo ano escolar (ou faixa etária). Por exemplo, no 2º ano, *consumidor* obteve cinco registos e *consumista* obteve apenas um único registo. No 3º ano, *consumidor* obteve oito registos, enquanto *consumista* apenas três registos. Nos anos escolares seguintes ocorre a mesma diferenciação de registos ao nível de usos sufixais. Nomes agentivos como *desenbador* e *tecedor* foram identificados com maior recorrência do que outros construídos com base idêntica (*desenbista*, *tecedeira* e/ou *tecelão*). Estes dados sugerem uma provável maior frequência de utilização de sufixos em detrimento de outros disponíveis na L1, sendo de destacar o uso bastante produtivo do sufixo *-dor*.

Através dos resultados apresentados pelo nosso estudo, podemos distinguir os seguintes grupos de sufixos consoante o seu nível de produtividade e independentemente do ano escolar:

Sufixos + Produtivos	Sufixos - Produtivos	Ø
-dor/-dora -ista -nte	-ão -deira, -ino/-ina -deiro,-eiro/-eira -ã,-ona, -or/-ora	-sor/-sora -tor/-tora

Quadro 3: Produtividade sufixal em Agentivos deverbais dicionarizados (independentemente do ano escolar)

No que respeita os agentivos deverbais regulares não dicionarizados, também é possível observar variações de produtividade de sufixos utilizados por ano escolar e faixa etária, o que se poderá comprovar pela leitura do seguinte quadro-síntese:

Ano Escolar/ Idade	2º ano (6-7)	3º ano (8-9)	4º ano (9-10)	6º-9º ano (11-16)
Sufixos + Produtivos	-dor/-dora	-eiro	-or/-ora -eiro	-ista/-nte -deiro
Sufixos + Produtivos	-eira/-deira/-ão/-ona			
Sufixos - Produtivos	Ø ⁵³	-ino/-ina/-sor		
	-ã/-tor/-tora/-sora			

Quadro 4: Produtividade sufixal em Agentivos Deverbais regulares (não dicionarizados) por ano escolar.

A título ilustrativo, seguem-se alguns produtos agentivos identificados no nosso estudo que permitem atestar a variação de produtividade sufixal por ano escolar e faixa etária:

⁵³ Ø Significa, de acordo com o estudo de capô realizado, que os alunos do 2º ano não utilizaram os sufixos -ino, -ina e/ou -sor. A utilização destes sufixos por alunos apenas se verificou a partir do 3º ano escolar em diante.

Ano escolar/ Idade	Produtos agentivos deverbais regulares não dicionarizados
2º ano (6-7)	*? <i>assistidor</i> , *? <i>figurador</i> , *? <i>intrigadora</i> , *? <i>remetedora</i> ...
3º ano (8-9)	*? <i>baileiro</i> , *? <i>socorreiro</i> , *? <i>bailino</i> , *? <i>cantino</i> ...
4º ano (9-10)	*? <i>bailora</i> , *? <i>figurora</i> , *? <i>pedeiro</i> , *? <i>remeteiro</i> ...
6º ano (11-16)	*? <i>assistinte</i> , *? <i>socorrente</i> , *? <i>bailista</i> , *? <i>separista</i> , *? <i>comentadeiro</i> , *? <i>escrevedeiro</i> ...
9º ano (14-16)	*? <i>assistista</i> , *? <i>tecista</i> , *? <i>copiadeiro</i> , *? <i>pedincheiro</i> , *? <i>copiante</i> , *? <i>desenhante</i> ...

Quadro 5: Exemplos de variação da produtividade sufixal por ano escolar

3. Conclusões do estudo

O nosso estudo empírico aponta para a ocorrência de um uso sufixal diferenciado durante o percurso escolar, sendo de salientar uma notória diferenciação de padrão de comportamento entre alunos do 2º ano e os dos anos escolares subsequentes. Efetivamente, entre o 2º e o 3º ano ocorreu uma diminuição drástica da prática de geração de produtos considerados impossíveis, de acordo com os padrões de formação de palavras do Português Europeu atual.

Sugerimos uma possível convergência de fatores-chave que explicitam esta mudança de comportamentos.

Assim, a escolarização das crianças permite facilitar uma maior exposição da criança a formas dicionarizadas e a aquisição de todo um conjunto de experiências propícias ao desenvolvimento da competência metalinguística (aplicada a componentes distintos da nossa língua e sua gramática), em função de critérios como a idade e, simultaneamente, o grau de escolarização. Estratégias de promoção de hábitos de leitura e exercícios de funcionamento da língua são desenvolvidos, sobretudo, a partir do 3º ano escolar e intensificados nos anos escolares subsequentes, favorecendo obviamente o processo de aperfeiçoamento de operacionalização do subsistema de memória declarativa e, conseqüentemente, reforçando o efetivo conhecimento lexical na L1 por parte da criança ou do jovem.

Por outro lado, é de salientar que as construções possíveis ocorrentes em anos iniciais do ensino básico, resultantes provavelmente da ativação do subsistema de memória procedimental, tendem a ser abandonadas com maior convicção por indivíduos que frequentam o 4º ano em diante, dando estes primazia ao uso dos itens dicionarizados correspondentes, entretanto disponíveis na memória declarativa. Este facto leva-nos a comprovar uma quebra da criatividade em prol da componente convencional da língua, dado que ao longo do percurso escolar a criança/o jovem aprende a estabilizar combinatórias entre base e sufixo agentivo e adquire uma maior eficiência no seu uso.

Neste sentido, o nosso estudo apresenta fortes indícios de um crescente predomínio da memória declarativa sobre a memória procedimental na formação de léxico na L1.⁵⁴

Referências

- Almeida, Ana Lúcia Andrade da Silva (2009). Produção de Nomes Agentivos Deverbais em Português Língua Materna (L1) por Alunos do Ensino Básico. Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada, Universidade de Coimbra.
- Basílio, Margarida (1995). O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: Jürgen Heye (org.). *Flores Verbais – uma homenagem linguística literária para Eneida do Rego Monteiro Bomfim*. Rio de Janeiro: Editora 34, 177-192.
- Booij, Geert E. (2005). Polysemy and construction morphology. In: Antonio Fábregas, Irene Gil e Paul O'Neill (eds.). *Cuadernos de Linguística*, Vol. XII. Madrid: Instituto Universitario Ortega y Gasset, 17-26.
- Clark, Eve L. (2004). How language acquisition builds on cognitive development. *Trends in Cognitive Sciences* 8:10, 472-278.
- Clark, Eve V. (2003). *First Language Acquisition*. Cambridge, New York: Cambridge University Press.
- Clark, Eve L. & Cohen, Sophia R. (1984). Productivity and memory for newly formed word. *Journal of Child Language* 11, 611-625.
- Leiria, Isabel (2006). Léxico, aquisição e ensino do português europeu língua não materna. Dissertação de doutoramento em Linguística Aplicada. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia e Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lo Duca, Maria Giuseppa (1990). *Creatività e regole, Studio sull'acquisizione della morfologia derivativa dell'italiano*. Bologna: Il Mulino.
- Rio-Torto, Graça M. (1998). *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora.

⁵⁴ Para mais informações sobre o tema tratado neste estudo, consulte-se Almeida (2009).

- Rodrigues, Alexandra F. S. (2006). Formação de substantivos deverbais sufixados em português. Dissertação de doutoramento na área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Linguística Portuguesa, Universidade de Coimbra.
- Silva, Ana Lúcia Andrade da (2007). Reflexões acerca de léxico e morfologia derivacional em língua materna: análise do processo de formação de agentivos deverbais atestados e não atestados em português. Ms, Universidade de Coimbra.
- Ullman, Michael T. (2003). Contributions of memory circuits to language: the declarative/procedural model. *Cognition* 92, 231-270.
- Ullman, Michael T. (2001). The declarative/procedural model of lexicon and grammar. *Journal of Psycholinguistics Research* 30: 1, 37-69.

ANEXO I

Exercício escrito de testagem

1. Com as palavras da coluna A e os sufixos da coluna B constrói todas as palavras que são possíveis em português.

86

Parte 1

Coluna A	Coluna B
1. aldrabar	- ante / - ente / - inte ⁵¹
2. assistir	- ão / - ã / - ona
3. bailar	- eiro / - eira
4. campear	- ino / - ina
5. cantar	- ista
6. comentar	- or / - ora
7. consumir	- dor / - dora
8. contar	- deiro / - deira
9. copiar	- sor / - sora
10. defender	- tor / - tora
11. desenhar	
12. escrever	

Parte 2

Coluna A	Coluna B
13. figurar	- ante / - ente / - inte
14. intrigar	- ão / - ã / - ona
15. namorar	- eiro / - eira
16. pedir	- ino / - ina
17. projectar	- ista
18. remeter	- or / - ora
19. separar	- dor / - dora
20. servir	- deiro / - deira
21. socorrer	- sor / - sora
22. tecer	- tor / - tora
23. vender	

Exemplo: pescar – *pescador; pescadora; pesqueiro; pesqueira.*

⁵⁵ Embora na verdade o sufixo seja -nte, colocamos aqui as formas -ante, -ente e -inte de modo a tornar mais compreensível o seu uso.

ANEXO II

Guião de Perguntas

1º ciclo de ensino básico (turma de 2º ano)

Identificação da palavra formada	Neste exercício, construístes várias palavras. Quais são as partes que usaste para construir a palavra x?	O que significa a palavra x? Conheces outro(s) sentido(s) da mesma palavra?	Encontras alguma diferença de sentido entre a palavra x e a palavra y? Qual?	Costumas usar esta palavra na tua escrita e/ou fala diária? Já a ouviste a ser utilizada antes? E em que situação?
	Qual é a classe gramatical da palavra base? É um verbo ou um nome?	Qual é a classe gramatical da palavra final? É um verbo ou um nome?	Outras observações (ex. Lembras-te de outras palavras possíveis que não escreveste? Quais?)	

87

1º ciclo de ensino básico (turmas de 3º e 4º anos)

Identificação da palavra formada	Neste exercício construístes várias palavras. Quais são as partes que formam a palavra x? Sabes como se chamam?	Qual é a classe gramatical da palavra que usaste para construir a nova? É um verbo, nome ou adjectivo?	Qual é a classe gramatical da palavra que formaste? É um verbo, um nome ou um adjectivo?	O que significa a palavra que formaste? Conheces outro(s) sentido(s) da mesma palavra?
	Encontras alguma diferença de sentido entre a palavra x e a palavra y? Qual?	Utilizas esta palavra na escrita/fala diária? Já a ouviste a ser utilizada antes? E em que situação?	Outras observações: (ex. Lembras-te de outras palavras possíveis que não identificaste? Quais?)	

2º ciclo de ensino básico (turma de 6º ano)

88

Identificação da palavra formada	Neste exercício construístes várias palavras. Quais são as partes que formam a palavra x? Sabes como se chamam?	Qual a classe gramatical da palavra que usaste para construir a nova? É um verbo, um nome ou um adjectivo?	Qual a classe gramatical da palavra que formaste? É um verbo, um nome ou um adjectivo?	Que significado(s) tem a palavra que formaste? Conheces outro(s) significado(s) da mesma palavra?
	Existe alguma diferença entre o significado da palavra x e o da palavra y? Explica essa diferença. Na tua opinião, que sentido é dado pela forma sufixal que utilizaste na palavra x?	Utilizas esta palavra na tua escrita/ fala diária? É frequente ou não a sua utilização em discurso? Já a ouviste a ser utilizada antes e em que situação?	Outras observações: (ex. Lembra-te de outras palavras possíveis que não foram registadas? Quais?)	

3º ciclo de ensino básico (turma de 9º ano)

Identificação da palavra formada	Quais os constituintes internos da palavra x? Como se designam?	Qual a classe gramatical da palavra base?	Qual a classe gramatical da palavra x?	Que significado(s) tem a palavra final? Conheces outro(s) significado(s) da mesma palavra?
	Consideras que existe diferença de significado entre a palavra x e a palavra y? Explica essa diferença de sentido. Na tua opinião, qual o sentido atribuído pela forma sufixal que utilizaste na palavra x?	Utilizas esta palavra no teu discurso escrito/oral diário? Na tua opinião, qual a frequência de uso desta palavra em discurso: muito frequente/ ocasionalmente/ raramente/ nunca? Já a ouviste a ser utilizada antes e em que situação?	Outras observações: (ex. Lembra-te de outras palavras possíveis que não foram registadas? Quais?)	